

5 mil índios em Aripuanã

Edilson Martins
Enviado especial

Parque Nacional de Aripuanã, Rondônia — A penetração de grupos e empresas de loteamento, muitas atuando irregular e clandestinamente, no parque indígena, está assumindo proporções tão acentuadas que o INCRA solicitou — e já obteve — a colaboração da Polícia Federal no sentido de conter novas invasões e evitar que as tribos da região percam mais terras e desapareçam em curto espaço de tempo.

Na sede do parque, na localidade de Riozinho, às margens da BR-364 (Estrada Cuiabá-Porto Velho), um auxiliar de indigenismo da Funai, Aimoré Cunha da Silva, teve de agir com rigor a fim de evitar que esses grupos colocassem uma cerca de arame farpado na frente da casa onde funciona o alojamento dos funcionários da fundação. Na região do parque, somando cerca de 5 mil silvícolas, vivem os índios cintas-largas, suruí, araras, gaviões e erikpatsas, além de grupos desconhecidos e arredios.

A INVASÃO

No Posto Indígena Sete de Setembro, às margens do rio do mesmo nome, onde vivem os índios suruí, os grupos de loteamento chegaram mesmo a construir uma estrada, no meio da selva, a uma distância de dois quilômetros da aldeia. O chefe do posto, auxiliar de sertanista da Funai, Sarapião Lacerda Filho, comunicou o fato às autoridades policiais e se viu obrigado a agir também com rigor.

O Posto Roosevelt, também pertencente ao Parque Nacional de Aripuanã, já conta com três pistas de pouso pertencentes a grupos de colonização do Sul, principalmente fazendeiros e donos de serrarias. O sertanista Sarapião Lacerda Filho, que se mantém na chefia com dignidade e um amor desmedido pelos índios da região, já foi até mesmo convidado por essas empresas de colonização para pertencer aos seus quadros de funcionários por um salário dobrado e diversas outras vantagens.

Na sede do Parque, não têm sido poucas as vezes em que os trabalhadores e moradores da localidade, ao serem visitados pelos grupos indígenas da região, ensinam

palavrões e práticas criminosas, além de oferecer bebidas ou fazer do índio um motivo de galhofa geral. Uma índia do Posto Sete de Setembro, muito inteligente, quando nos viu chegando à aldeia, começou a dizer palavrões e a rir sem saber o sentido do que lhe foi ensinado por algum civilizado sem escrúpulos.

A CONSCIÊNCIA

Os sertanistas da Funai, que diariamente enfrentam situações novas, com mais penetrações e invasões de áreas indígenas, têm que minimizar a tensão criada junto aos índios, que não entendem porque são bem tratados por alguns civilizados — sertanistas — e ofendidos por outros — trabalhadores das frentes de penetração e loteamento — que possuem suas mulheres, invadem suas roças. Esse trabalho é delicado, e só quem conhece uma tribo pode avaliar a habilidade necessária.

Um índio suruí, de nome Uréia, consciente dos perigos que ameaçam sua tribo e seus irmãos, constantemente visita o posto de Riozinho, onde passa a BR-364. Nessas ocasiões, ao se deparar com um outro índio, cercado de civilizados e servindo de objeto de curiosidade e galhofa, chama-o, e em sua língua pede que ele não aceite bebida e retorne à sua aldeia.

Numa tarde de sol muito quente (o termômetro do avião marcava 51 graus ao sol), Uréia contou que "é difícil compreender Yara — civilizado". Uns nos respeitam, são amigos, e outros, nos enganam, usam nossas mulheres, atram em nosso povo". A invasão das terras dos cintas-largas, suruí, gaviões, araras e erikpatsas se processa nas duas frentes do parque, tanto no Estado de Mato Grosso, como no território de Rondônia. Os índios estão tensos, preocupados e não escondem que essa perseguição é antiga, mas agora assume um caráter ostensivo e cruel.

O responsável pelo Projeto Fundiário Rondonia, do INCRA, Capitão Sílvio Gonçalves de Faria, garante que somente a Cia. de Colonização Itaporanga S/A. Já "vendeu mais de 1 milhão de hectares de terras irregulares neste território.

rio. Vale explicar que essa firma, poderosa, não é a única da região. Sabemos que novos grupos se articulam, se preparam para novas investidas. Estamos contando com a colaboração da Polícia Federal, mas mesmo assim a luta não é fácil. Esses grupos têm poder de destruir qualquer um que se interponha à frente de suas ações criminosas."

— A Itaporanga, os Irmãos Melhorança e outros grupos cujos primeiros já conhecemos — prossegue o Capitão do Exército Sílvio Gonçalves não estão registradas como colonizadoras, nem mesmo possuem projetos de colonização. A própria Funai se encontra executando judicialmente a ação criminosa dessa firma. Cada lote de dois mil hectares estava sendo vendido por Cr\$ 6 mil, ludibriando a boa fé de centenas de pessoas. A área interdita do Parque Nacional de Aripuanã, conforme decreto presidencial, também se encontra loteada. A situação é criminosa, mas eles continuam agindo.

O advogado do INCRA, Sr. Amir Francisco, informou que sete queixas-crimes correm na Justiça de Rondônia somente contra o grupo Melhorança, mas existem "outros, que já se encontram agindo de forma eficiente e criminosa. A grilagem está campeando em áreas indígenas do Parque Nacional de Aripuanã, e se não forem tomadas medidas urgentes, os índios vão desaparecer muito mais depressa do que se pensa."

O território indígena de Aripuanã, se é rico em reservas madeireiras, não é menos em minérios. Há a invasão das firmas de loteamentos, que estão criando um imprevisível problema social, pois vendem terras que não lhes pertencem e frustam e revoltam centenas de famílias. Mas há também, sabe-se agora, uma nova fonte de cobiça e procura: ouro, cassiterita e até diamante nos rios que cortam o parque de Aripuanã. O rio Roosevelt, que antes de atingir o Amazonas se encontra com o rio Aripuanã, já se encontra sob intensas pesquisas, e já foi confirmada a existência de diamante em seu leito.

Ao se percorrer a região do parque de avião, o quadro não é nada promissor. Os desmatamentos prosseguem, de forma violenta, e a ecologia da região já apresenta desequilíbrios marcantes. Onde os desmatamentos foram muito intensos, já não há mais fauna, praticamente, os rios estão secando — até mesmo os períodos de estios se tornaram mais longos. Em contrapartida, o calor nessas áreas é insuportável, com a consequente falta de oxigênio.

O sertanista da Funai, Sarapião Lacerda Filho, revela que os índios suruí estão apavorados e praticamente sem alternativa de sobrevivência. Na faixa Norte da aldeia existem os índios arredios cabeçassecas, que recusam contato com civilizados, e atacam constantemente os suruí. Na faixa Sul, há os empregados das Cias de Colonização, que "não vacilam em atirar para matar os índios do parque. Essa gente tem muitos preconceitos contra índio, e ao se deparar com um deles no meio do mato, não vacila: atira para exterminar."

A EXTENSÃO

Desmatamentos, invasão de terras, introdução de práticas criminosas, posse e coisificação de suas mulheres são alguns dos problemas que os índios do Parque Nacional de Aripuanã — cerca de 5 mil silvícolas — estão enfrentando. Através do seu superintendente, General Ismarth de Araújo, a Funai tem procurado enfrentar os problemas. Ao mover ações judiciais contra esses grupos, oferece um testemunho real de sua posição e integridade nesse quadro geral de desrespeito às terras e universo cultural do índio.



As mulheres índias são vítimas freqüentes dos invasores